

# Sting estréia na reportagem com Xingu

Da visita que o músico inglês fez à reserva indígena brasileira, em novembro passado, num intervalo de sua turnê, resultou um texto que foi publicado pela revista francesa "Actuel"

Quando esteve no Brasil, no final do ano passado, para uma turnê pelo país, o cantor e compositor Sting, quis conhecer os índios da Amazônia. Recebeu o aviso de um amigo que talvez a Funai (Fundação Nacional do Índio) não permitisse sua visita à região, para evitar que ele divulgasse "corrupção" na exploração madeireira da floresta. No entanto, a visita aconteceu e Sting foi recebido com honrarias no parque Xingu pelo líder indígena Raoni.

A viagem de Sting pelo Xingu é a reportagem de capa da edição de fevereiro da revista mensal francesa "Actuel", que apresenta treze páginas dedicadas ao depoimento do cantor. Ao chegar à reserva, acompanhado de sua mulher, Trudie, os guerreiros de Raoni dançaram para ele e o pintaram de "serpente sagrada". A visita à reserva foi uma das poucas coisas que o fascinou no Brasil. Ao voltar para shows no Rio e em São Paulo, Sting exibiu no pescoço um colar trazido do Xingu. Lá ele comprou também arcos e flechas, e declarou ao desembarcar em São Paulo: "Os índios e as florestas são as maiores riquezas do Brasil", prometendo defendê-las a partir de então. A seguir, a reprodução do texto escrito por Sting para a "Actuel".

Porto Alegre. Boa sorte e presta atenção no capitão Kelly!" Ele bate a porta. O motorista se sobressalta.

— Que é que há?

— Ele está com ciúmes de não ir junto, só isso!

Por todo o longo caminho que leva ao aeroporto, nossa limusine de pompas fúnebres é envolvida pelo barulho de buzinas, atropelada por veículos mais entusiasmados, cercada por braços que tentam autógrafos e ofuscada por flashes que pipocam. Nós estamos à frente de um comboio histórico. Estou alucinado, ou é meu retrato "draculesco" que percebo num dos carros do cortejo?

— Rápido, fora daqui!

No aeroporto, meu percussionista Mino Cinelu nos espera. Desde o dia em que viu o filme de J.P., ele quer ir à Amazônia.

— Então, Mino, excitado?

— Ooski.

— Cadê J.P.?

— Ele carrega o ooski no ookanoo, meu capitãoeski.

Mino inventou uma língua que só tem duas palavras — os substantivos viram todos "ookanoo", e os adjetivos exclamativos e afirmativos são "ooski". Ele quer dizer que J.P. carrega o avião com as provisões. Vou vê-lo.



Sting com o cacique caiapó Raoni em 29 de novembro; o músico evita olhar para o disco que distende o lábio inferior do índio, que Sting considera "horrível"

## STING Toda a cidade veio ver os gringos

Domingo, 29 de novembro. Brasília, Hotel São Paulo, 9h.

Café da manhã numa sala repleta de ricos refugiados de Goiânia que matam o tempo em Brasília. Todos estavam no concerto da véspera e vêm me agradecer por haver dedicado uma canção às pessoas de Goiânia, atualmente os párias do Brasil. Desde os vazamentos radioativos não se vai mais lá. E ninguém toca naqueles que de lá vêm, com medo de ser irradiado.

Sem orgulho, Trudie e eu atacamos um café da manhã ainda não poluído, dando autógrafos para o pessoal e sua prole.

Esperamos J.P., um cineasta belga que se ofereceu para nos levar até os índios do rio Xingu. J.P. fez um filme sobre um deles, um chefe guerreiro carismático, chamado Raoni. Desde então, Raoni é um tipo de celebridade e um porta-voz dos direitos de seu povo.

J.P. tem sempre um sorriso, mesmo quando as notícias são más.

— Não partiremos, diz ele, sorrindo.

— E por que não?

— Porque a Funai não quer.

— A Funai?

— Sim, o órgão encarregado dos assuntos indígenas. Eles têm medo que você conte por aí o que se passa por lá.

— E o que se passa?

J.P. faz um gesto de quem pega em dinheiro. "Corrupção. As companhias florestais pagam ao escritório para que este faça vistas grossas quando elas vão roubar uma árvore na floresta. O problema é que para uma única árvore utilizável, eles derrubam cerca de meio hectare à volta. A cada minuto, 40 hectares de floresta viram fumaça. Para proteger a floresta só mesmo os índios — logo, não haverá mais floresta."

Vejo um deserto passar diante dos olhos de Trudie.

— Mas há ainda uma possibilidade. Acabem o café da manhã, vou tentar encontrar Raoni pelo rádio, diz J.P.

J.P. sai sorratamente do restaurante e dá risada vendo a algazarra que faz uma brasileira gorda carregando um enorme pacote. Ela pára diante de nossa mesa, rasga o papel da embalagem e revela majestosamente um retrato em que estou vestido de Drácula.

Eu disfarço um pouco. "Está bem, não é Trudie?" Mas Trudie não ouve nada, ela procura alguma coisa no fundo de sua xicara.

Ops! Súbita aparição do pai atrás de sua filha — "Nós achamos que vocês gostariam de comprá-lo". Ah, é?

Um telefone toca, em algum lugar na recepção. Aproveito para correr para meu quarto, gritando que eu espero um telefonema. Lá em cima, seguro, observo Brasília, a cidade de lugar nenhum, a capital arbitrária. Nuvens cinzas caem sobre nós. Vai chover, novamente.

Trudie empurra a porta furiosa: "Obrigada por ter me deixado sozinha!" O telefone me salva de uma outra discussão. O telefone é bom. Desta vez é J.P.:

— Tudo bem, partiremos! Raoni falou pelo rádio com o presidente da Funai, ele lhe disse para se meter com seus próprios assuntos. Ele quer te ver, então o escritório dos assuntos indígenas que se foda!

— Ele me conhece?

— Bem, ele sabe que você acaba de cantar para 200 mil pessoas no Rio.

— Não é possível!

— Sim; fui eu quem lhe disse. Vamos em meia hora ao aeroporto!

— Ei, um minuto! O que a gente leva?

— Uma escova de dentes. Bye!

Saimos correndo para nos despedir de Bill Frances, o agente da temporada. O carro já está lá. Ainda é a horrível limusine da véspera: um monstro preto. Eu já havia implorado ao Bill de me livrar disso!

Protesto, subindo repugnado nesse caixão estofado que fede a cigarro e a desinfetante e Bill balança os ombros. "Se os índios não te embaraçarem, a gente se vê terça-feira em

## Esse fogo queima há um milhão de anos

J.P. pede que eu lhe dê uma mãozinha. Empurro como posso para dentro do bagageiro uma caixa que pesa toneladas. "Que tem aí dentro, J.P.? Fuzis?" J.P. diz que não com a cabeça, mas ele tem um sorriso estranho. "A gente precisa levar um monte de presentes — anzóis, lâmpioes, machados, panelas. Eles não sabem trabalhar com metal. De todo jeito, eles nos oferecerão de volta toneladas de coisas, você verá. Teremos de fazer duas viagens. O capitão Kelly nos trará a alimentação, ele cuidará de nós como uma babá, conhece o Xingu como a palma de sua mão. Venha cá, Clive, eu te apresento Sting!"

O capitão são dois metros de tatuagem, com colares indígenas e amuletos por todo o corpo, uma faca pendurada na cintura de cobra, olhos vermelhos à Elton John e cabelos encaracolados à Herman's Hermit em férias, tudo isso embrulhado num forte sotaque de Manchester.

— Encantado por conhecê-lo, me diz ele. Em seguida, me tritura a mão. Lembro-me da cara de Bill quando partimos do hotel. Esse capitão Kelly é um bruto.

O avião carregado, eu e Mino arranjamos um pequeno lugar atrás, junto às bagagens. Trudie e J.P. instalam-se a nossa frente. Mais à frente, dois pilotos brasileiros. Tudo está em ordem, o vôo anuncia-se agradável. Decolamos com uma tempestade e passamos com precaução por uma nuvem negra e um relâmpago. Um brinquedo perdido entre os elementos da natureza. Apesar de tudo, ainda prefiro isso aos 747. Dentro desse, pelo menos, a gente percebe quando morre. Não é como nessas valas comuns que passeiam pelos ares.

— Tudo bem, Mino?

— Ooski, meu capitão.

Enfim o céu azul, após uma hora de montanhas russas. "Ainda está longe?" O piloto faz um gesto resignado. Chegamos. J.P. aponta com o dedo um ponto ao leste. Percebo um aborto de cidade, apenas uma rua, como uma desprezível ferida na paisagem. O piloto dá uma resante sobre os telhados. "Por que ele faz isso?"

— Para que nos mandem um táxi! Suave aterrissagem. Apenas tivemos tempo de ir mijar e o táxi chegou cantando os pneus. O motorista da carcaça nos recebe com felicidade — os fregueses são raros por aqui. Depois de dar uma paulada numa barafa gigante que tomava conta de todo o banco traseiro, ele nos convida a entrar. Vamos à casa de seu irmão, o dono do bar, no final da rua. A cidade inteira já está lá e encara os gringos com uma intensidade macabra. Percebo que já é tempo de ir ver os índios, quando um moleque sacode no ar a capa de "Dream of the Blue Turtles", gritando "Estingue!". Autógrafo seu disco e adeus. Ao avião!

Encontro nossos dois pilotos em plena discussão.

— O que está acontecendo?, pergunto a J.P.

— Nada. Suba!

— Algo não vai bem?

— Se você quer saber, a Funai telefonou ao proprietário da companhia para que ele não te deixe ir ao Xingu.

— E por que ele faria isso?

J.P. faz mais uma vez o gesto de quem pega no dinheiro. "Ele embolsa também. Os pilotos receberam ordem para nos dizer que alguma coisa não vai bem no avião e que é preciso voltar."

— Então, vamos voltar para Brasília?

— Não, vamos ao Xingu.

— E como?

— Acontece que a filha do piloto gosta muito de você.

Como diz a canção, "there's more to this journey than is apparent to the eye." (há mais coisas nessa viagem do que os olhos podem ver).

Agora que saímos das nuvens, podemos ver a terra abaixo de nós: um grande deserto de poeira vermelha até o horizonte.

"Há dez anos, tudo isto era floresta!", diz J.P. Só sobraram

alguns troncos, plantados como tocos na terra, testemunha de um passado de glória... E uma devastação repugnante, como se a terra tivesse esfolada. Só o homem para poder executar isso. Estou furioso pelas crianças, as minhas e as dos outros, de quem roubamos a beleza da terra por um punhado de dólares.

O avião voa durante a tarde.

— Olhe, Sting, é a última fronteira, você acaba de entrar num território que quase nenhum branco conhece, nenhum presidente do Brasil jamais veio até aqui — olhe, a fronteira indígena!

É um espetáculo extraordinário. O deserto acaba claramente no muro abrupto de uma gigantesca floresta. São dois planetas, um ao lado do outro, o mundo da morte e da devastação e o da beleza verde e da vida exuberante.

— A floresta está protegida só onde estão os índios. Fora dali, está sendo assassinada. E por isso que eles são eliminados sistematicamente. Havia seis milhões de índios na bacia Amazônica e há agora menos de 200 mil. Foram mortos a fuzil, com álcool, pelo vírus da gripe com o qual se contaminavam as mantas jogadas nas aldeias. Eles são mortos pelo apodrecimento de sua cultura.

As crianças nos mostram o caminho. Não é o Sheraton. Chão de cimento, uma armação de cama nua, uma janela imunda. Nós preferimos dormir fora e vamos estender as redes às margens do rio.

Hum... o rio! Eu havia prometido a mim mesmo não me aproximar dele, porque em todos os filmes sobre o Amazonas, a gente vê alguém sendo comido pelas piranhas. No entanto...

Ao diabo com as resoluções, cá estamos os quatro nus, correndo na direção do rio! As crianças acham nossa brancura e nossos pêlos púbicos engraçados e dão gargalhadas. Depois de brincar de foca por meia hora, esqueci totalmente as piranhas, e acrescento tranquilamente meu xixinho ao curso do rio, quando me lembro de repente, que um amigo me disse que mijar no rio no Amazonas atrai um minúsculo peixe, um sacana de um peixinho que se aproveita para se enfiar no pênis e que dali não sai mais. Eu paro no ato e corro para a margem.

J.P. bate no meu ombro. "Raoni chegou."

Ele está na margem, num plano mais elevado. Um homem grande, com cabelos até os ombros, colar de cerimônia e jeans Levi's. Ele mijou no rio a uma respeitável distância, saudando-nos com sua mão livre: é um sábio, ele é impressionante. O chefe dos caiapós. O grande guerreiro Raoni.

Corremos a nos vestir para ver o grande homem.

J.P. e Raoni saudam-se cerimoniosamente. Raoni nos avalia com um olhar sério. Esforço-me para não olhar muito o disco que lhe estica horrivelmente o lábio inferior.

Raoni e J.P. conversam em português. Raoni aponta para o brinco de Mino e pergunta se é uma mulher. Depois ele me diz que sou muito delicado e que Trudie é mais valente

que Mino e eu juntos. Isso tudo sem parar de rir e de piscar o olho.

— Raoni gosta muito de brincar, explica J.P.

— Ah, é? Tanto melhor. Eu não sei mais o que pensar.

— Ele quer nos levar à aldeia de Aratana, o chefe dos Ilanapitis. É a aldeia que nós havíamos sobrevoado, aquela em que nos disseram que é preciso partir antes de anoitecer.

Começamos a andar atrás de Raoni, o chefe, ladeado por dois guerreiros que se viram toda hora lançando-nos um olhar assassino.

— Por que eles nos olham assim, J.P.?

— Ora, por nada. Provavelmente porque eles mataram o último branco que eles viram.

— Ah!

## Levante a cabeça. Antes, você esteve em situações piores

— Qual o tamanho da reserva do Xingu?

— Quase o tamanho da Bélgica. A tribo onde nós vamos é pacífica, mas ela é protegida por tribos hostis do baixo Xingu, das quais Raoni é o chefe.

— Hostis, até que ponto? J.P. não me responde.

• Nas profundezas da floresta, aparece uma estrada reta como uma flecha, do norte ao sul.

— A Transamazônica. É proibido descer do carro; a gente seria morto pelas patrulhas indígenas.

Percebemos, de repente, que não estamos indo à Disneylândia. E nosso guia sorri.

Domingo, 29 de novembro. Xingu, 4h30.

Nada pode preparar você para o choque da primeira aldeia indígena. Num círculo perfeito que desenha compridas casas de palha prensada pela confusão da selva, alguém dirige a luz de um espelho sobre nós. É o sinal de um outro mundo e no entanto, aproximando-se, a gente distingue os limites de um campo de futebol, as travessas, o centro. Como imaginar isso? Nós iríamos perder aqui algumas ilusões e confirmar também alguns sonhos. Nada será exatamente como o previsto.

Quando a porta do avião é aberta, um calor de louco toma conta da gente, e a calma do fim da tarde, depois que os motores param, é ao mesmo tempo maravilhosa e assustadora. O grande muro da selva é silencioso como um túmulo.

Nossos anfitriões surgem de repente no outro extremo do terreno, alguns de bicicleta, outros em calções de futebol, alguns nus, só com um pedaço de pano.

Eu pergunto a J.P. por que eles correm.

— Eles sabem que nós temos presentes. Tome conta de suas coisas.

Vejo melhor agora suas pinturas tribais, aliás impróprias, por cima dos calções de futebol.

— As aldeias jogam umas contra as outras, me informa J.P., eles têm um tipo de campeonato.

Eles param a três metros para olhar o homem loiro, fascinados. Devo ter o mesmo ar admirado, suponho. Os homens têm um corte à Henrique 5º e pintam o cabelo de vermelho. Eles me parecem ter um ar tibetano, o que me lembra que vêm de longe, da Ásia central, pelo Alasca. Seus ancestrais galoparam cem quilômetros por geração! As crianças são as primeiras a vir nos tocar. Elas têm rostos muito bonitos.

O campo de pouso separa a aldeia indígena de duas casas de tijolo. "Há um médico branco, nós dormiremos lá".

que Mino e eu juntos. Isso tudo sem parar de rir e de piscar o olho.

— Raoni gosta muito de brincar, explica J.P.

— Ah, é? Tanto melhor. Eu não sei mais o que pensar.

— Ele quer nos levar à aldeia de Aratana, o chefe dos Ilanapitis. É a aldeia que nós havíamos sobrevoado, aquela em que nos disseram que é preciso partir antes de anoitecer.

Começamos a andar atrás de Raoni, o chefe, ladeado por dois guerreiros que se viram toda hora lançando-nos um olhar assassino.

— Por que eles nos olham assim, J.P.?

— Ora, por nada. Provavelmente porque eles mataram o último branco que eles viram.

— Ah!

## Há menos piranhas que nos filmes!

Decididamente, Raoni me lembra alguém. Ele anda pela floresta como se ela lhe pertencesse. Aproximando-se da aldeia, começamos a ouvir cantos. Uma cerimônia começa. Tanto não pensar na marmitta de Bill.

Entrando no círculo das casas, é impossível não se sentir um personagem de "Star Trek" desembarcando num novo planeta. O círculo está deserto. O barulho da cerimônia vem de uma casa à nossa direita. Eu não teria falado antes aqui de "grandeza" a propósito de uma aldeia indígena, mas "grandeza" é, no entanto, a palavra que me ocorre para descrever a dignidade de sua arquitetura. Suas casas não dominam a floresta, nem se deixam dominar por ela. Não há desordem, nem nada que seja sórdido, mas sim a "correção", uma relação equilibrada com a natureza. Nada a ver com o degradante caos do Rio ou a feira da cidade mineira onde acabamos de passar. Um grito rompe o

silêncio. O chefe Aratana surge com penas nos cabelos, rosto e corpo pintados, penas de papagaios penduradas nos braços, e com 20 guerreiros vestidos de forma semelhante, atrás dele. Ele nos saúda e diz a J.P. que não pode conversar porque deve passar pelas casas caçando mais espíritos. A pequena tropa dirige-se a uma outra choupana tal qual uma equipe de trabalhadores. Fariam da mesma forma se fossem consertar um telhado — ao menos a tarefa lhes parece ter a mesma lógica. As mulheres e as crianças os seguem. A gente sente um ar de festa, mas sem nada que contriga a solenidade da ocasião. Raoni observa o espetáculo com satisfação, fumando um cigarro do Xingu. É toda sua causa — a preservação de uma cultura.

Meia hora ainda e o sol interrompe a cerimônia. Há outra coisa no programa. Trudie desaparece dentro de uma casa — o ritual desta noite é proibido às mulheres. Surgem três flautas. A gente se instala para um concerto ao luar. A música me faz voar; tal qual uma droga, ela é intensa, hipnotizante. Eu me sinto em casa sob a lua e as estrelas, nas profundezas da floresta, embalado pela melodia das flautas — a cidade parece-me uma carga absurda.

Raoni bate o pé ao ritmo da música, nesse gesto eu encontro algo em quem ele me faz pensar. A dignidade intrínseca, o porte real, a impressão de poder; Bob Marley. Só o vi uma vez e não consigo me esquecer. Tenho hoje florestas diante de mim — o rei do Amazonas, o campeão dos oprimidos, a voz de uma nação.

O concerto acaba, Trudie volta para nós.

— O que te fizeram?

— Não posso te falar. Elas me fizeram deitar sobre uma rede perto do fogo — todas as mulheres estavam imóveis e ouviamos o som das flautas — eu me sentia um bebezinho.

Continua no pág. seguinte

### CAMPEÕES DE BILHETERIA INVADEM A GLOBO VIDEO.

Além dos filmes de arte, dos grandes clássicos e dos documentários; além das óperas, dos balés e dos musicais; além do melhor do cinema nacional, a Globo Video agora também trabalha com a Orion Pictures, e seus grandes campeões de bilheteria.

Confira nossos lançamentos:

- O Exterminador do Futuro, com Arnold Schwarzenegger.
- Joe Dancer, A Grande Jogada, com Robert Blake.
- Mistério no Parque Gorki, com William Hurt.
- Nas Gárgas do Destino, com Martin Sheen.
- Onde Sonham as Formigas Verdes, de Werner Herzog.
- Repulsa ao Sexo, de Roman Polanski, com Catherine Deneuve.
- No Topo do Mundo, com Lawrence Olivier.
- O Quebra-Nozes, balé de Tchaikovsky.
- A Festa Selvagem, com Rachel Welch.
- O Desprezo, de Godard, com Brigitte Bardot.

Não perca esses sucessos. Todos eles têm a melhor imagem.

**GLOBO VIDEO**

Rio de Janeiro  
Praça de Botafogo, 440. Fone 286-6622  
e Agência "O Globo" - Av. Rio Branco, 185.  
São Paulo  
Rua Estados Unidos, 650. Fone 885-6366.

## O EXTERMINADOR DO FUTURO